As Ordenanças do Capitão-mór

A

Era costume dos antigos Presidentes desta nossa então Província de S. Paulo, e quiçá seguido pelos das outras, officarem, logo após a sua posse, ás Camaras Municipais indagando do que ellas necessitavam para o bem publico, e isso, como logo se vê, era somente como se diz: para inglês vêr e alemão cheirar —, mesmo porque impossivel ser-lhes ia atender a tudo o que a Camara lhes pediam; era esse costume simples formalidade, que quando muito para mostrar as suas boas intenções, e ai ficava.

Assim é que em data de 4 de novembro de 1824 o Presidente da Província, Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois Visconde de Congonhos do Campo, envia uma circular ás Camaras Municipais para que estas lhe exponham "todos os objetos relativos ao bem publico e que demandam de providencias".

A Camara de Itu, reunida em sessão no dia 20 dêsse mesmo mês, "apressa-se em levar a presença do Presidente e do Conselho um negocio que ha anos flagela não só os povos desta vila como talvez de toda a Província e é: Costuma os Capitães-móres conservar dous homens de Ordenanças todas as semanas para piquetes; e nesta vila estes desgraçados têm por quartel a porta do Capitão-mór desde a manhã até a noite e por sustento a caridade dos Povos, porque de ordinario são da classe miseravel e que nada parece tão contrario a justiça e a humanidade que obrigar pessoas miseraveis a servirem o publico sem lhes subministrar os meios de subsistencia, deixando estes tantas vezes mulheres e filhos que se nutrem do seu suor, expostos ao ultimo dos males".

Espirito de bondade e humanidade mostrou a Camara em sua exposição? Nada, disso. Velha quisilla da Camara com o Capitão-mór Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, e nada mais.

De muito e muito necessitava a Camara para o bem publico, aulas de primeiras letras, estradas e muitas outras necessidades; porém, deixa de lado tudo e vai se accommodar com as Ordenanças do Capitão-mór; para ella o maior flagello dos povos entregues a seus cuidados era o Capitão-mór Vicente da Costa, então já velho e alquebrado, em seus ultimos mezos de vida, mas ainda assim despótico e absoluto, e viseralmente adverso das ideias liberaes por vezes manifestadas pela Camara.

Termina a Camara a sua exposição propondo "que se conservassem dous homens por semana, não só para o serviço do Capitão-mór, mas destinados ao serviço publico de todas as autoridades, e por isso aquartelados em lugar para esse fim destinado, e donde fossem chamados pela autoridade que deles necessitassem, tirados da classe jornalreira e pagando-se-lhes diariamente cento e vinte reis pelo Tesouro publico, sendo considerados para esse effeito como soldados pagos".

Vê-se logo que era vontade da Camara retirar os ordenanças da porta do Capitão-mór; porém, baldou foi esse seu intento, pois até o dia da sua morte o velho Vicente da Costa, como lhe dava direito o seu posto de comadante das Ordenanças, teve um piquete postado á porta da sua residencia.

E assim, deixando a Camara de lado tudo quanto necessitava para o bem publico, e fingindo se apiedar dos pobres ordenanças, foi se inquisillar com o Capitão-mór e deixou passar uma boa occasião de dar mostras do seu zelo pelo publico. Ao em vez de pedir aulas e estradas preferiu ir aferretar o velho Vicente da Costa e o ferrão cravou-se-lhe em suas proprias mãos.

E' o caso de se dizer: Foi buscar lá e saiu tosquiado.

A c
do r
Rio C
casse
e no
de to
seculo
vino l
nesse
para
além
antes
ziam
ra; p
vavar
do o
arran
biam
minh
mella
pela
Via
quais
o rio
outro
Os
dias
Nº
Divin
Juca
Janu
Rafa
Por
ta d
te o
de o
anun
Ti
havi
arroz
meir
da e
segu
até
inpe
las
Nº
do c
o m
band
Fo
de o
vau.
De
do e
dura
Fet
qualq
tarde
No
lava-
guerr
riam
Vel
Zéca.
Eu n